

«... Dançaríamos o ano inteiro, disseram
uma noite ao ver-nos atravessar a sombra da lua.
Ignoravam, então, o inverno.»

Maria do Rosário Pedreira,
A Casa e o Cheiro dos Livros

De cabeça perdida, com o coração a anunciar-lhe o fim de um sonho que ele julgava interminável, o Miguel pôs o telefone e, sem sequer vestir o blusão, correu até à porta e saiu para a rua.

O vento frio da tarde cortava-lhe a respiração, mas os seus passos ganharam uma velocidade que lhe vinha toda da enorme ansiedade em que o telefonema da Filipa o deixara.

No curto espaço que separava a sua casa da da namorada de sempre, tentou não pensar em nada, para não pensar o pior. Contudo, à medida que ia ganhando terreno, a memória ia-lhe trazendo, uma a uma, as palavras da Filipa, entre soluços, «Preciso muito de falar contigo. Preciso muito de ti...».

Ao chegar à rua onde ela morava, as pernas dele começaram a fraquejar, ao ponto de se sentir sem forças para subir a escadaria que dava acesso ao prédio. Parou no primeiro degrau e olhou o céu. O coração batia tão depressa que ele deixara de sentir o resto do corpo. Respirou fundo e, num esforço enorme para se acalmar, subiu as escadas e tocou duas vezes para o 3.º andar.

No patamar, quando a porta se abriu, ele sentiu-se incapaz de dar o passo que faltava para entrar. Vê-la assim, de olhos

inchados e rosto deformado por uma dor indizível, deixou-o imobilizado e mudo, ouvindo apenas a sua própria respiração.

— Por favor, Miguel — disse ela, numa voz arrancada do mais fundo do peito —, entra depressa!

No *hall*, ela abraçou-o em silêncio como se estivesse a revê-lo após uma ausência dolorosa. Depois, devagar, o Miguel libertou-se do abraço e, fitando-lhe os olhos grandes, perguntou a medo:

— Que foi que aconteceu, Filipa?

Ela encaminhou-o então até ao quarto e sentou-se na cama, colocando uma almofada sobre o colo.

— Fala, pelo amor de Deus! — insistiu ele.

— Desculpa... — balbuciou a rapariga, entre lágrimas, sem ousar olhar para ele.

O Miguel pegou-lhe então na mão e voltou a pedir, desta feita, com mais suavidade:

— Conta-me tudo, como sempre fizemos um com o outro, pode ser?

Dito isto, ele emprestou-lhe o lenço que trazia no bolso das calças e ficou pacientemente a aguardar resposta, dando-lhe tempo a recuperar o fôlego.

— Primeiro, dá-me um beijo — volveu ela, oferecendo-lhe a cara inteira, com uma expressão de medo infantil que a tornava ainda mais doce. E repetiu: — Preciso que me dê um beijo.

Ele abraçou-a, cada vez mais ansioso, e beijou-a com ternura, esperando reconfortá-la.

— Agora, fala, diz-me o que se passou, Filipa, por favor. Não aguento mais! A tua mãe voltou a chatear-te por causa do bebé, foi isso, não foi? Eu já te disse, não sei quantas

vezes, que posso perfeitamente falar com ela! Eu não admito que ela te esteja a tratar dessa maneira, f...

— Pára — pediu ela baixinho. — Será que ainda não percebeste?

Ele calou-se e abanou a cabeça:

— OK, já sei que os pais são teus e que és tu que sabes lidar com eles. Mas e qual é o meu papel, hã? Ficar feito estúpido sem fazer nada?! Eu sempre assumi as minhas responsabilidades! Porque é que não me deixas falar com eles?! Porquê, Filipa?!

— Importas-te de parar, Miguel? — atalhou ela, levantando-se e mostrando-se, subitamente, mais calma e senhora de si. — Não te pedi que cá viesses para discutirmos. Já não há nada para discutir...

Ele não soube o que pensar do que acabara de ouvir. — Como?...

— É exactamente o que tu ouviste — tornou ela, controlando-se o mais que podia para não desabar num pranto que a impediria de voltar a falar.

— Não estou a perceber...

— Acabou. ACABOU! SERÁ QUE AINDA NÃO PERCEBESTE?!

Ele sentiu o coração descer-lhe vertiginosamente aos pés.

— Acabou?!

— SIM, ACABOU! O bebé... Eu já não...

O Miguel não quis ouvir mais. Levantando-se de rompante, encaminhou-se para a porta e evaporou-se, deixando a Filipa agarrada à almofada, entregue ao seu desespero.

A casa ficara deserta, no momento em que ela mais precisava de alguém para a consolar. Os pais estavam a trabalhar

e, embora lhe apetecesse muito telefonar à mãe e pedir-lhe que deixasse tudo e viesse depressa para casa, a Filipa não teve coragem de o fazer. Assim, abandonou a mesinha do telefone e regressou ao quarto, mais só do que nunca.

Em pé, junto do parapeito, olhou a tarde pela janela. As lágrimas tinham parado de cair. Talvez já as tivesse esgotado, pensou. Lá em baixo, no passeio, as pessoas regressavam dos empregos ou corriam a apanhar os transportes que as levariam para casa. Ninguém olhava para cima, ninguém podia ver-lhe a solidão e a angústia. Ninguém poderia socorrê-la, resgatá-la daquele pesadelo, dizer-lhe que não se afligisse, que tudo acabaria bem...

Voltando-se de novo para o interior do quarto, os seus olhos pousaram inadvertidamente numa fotografia antiga que estava sobre a prateleira da estante. Aproximou-se devagar, pegou na moldura e levou-a consigo para a cama. No retrato, duas crianças de sete anos brincavam no areal de uma praia da Costa da Caparica; um pouco mais adiante, o grupo a que pertenciam entretinha-se a lamber gelados polvilhados de areia, sob o olhar atento de uma monitora ainda jovem. Então, pouco a pouco, a Filipa reviu mentalmente o primeiro episódio verdadeiramente inesquecível da sua vida. Naquela mesma praia, que frequentava com a colónia de férias, tal como o Miguel, um acidente acabaria por dar início a uma relação de amor que ninguém suspeitaria que viesse a terminar tão mal. Irrequieta como era em pequena, acabara por magoar-se no pé esquerdo, à beira-mar. Uma concha partida fizera-lhe um corte superficial, mas profundamente doloroso e nenhum dos mimos da monitora conseguira pôr cobro à sua aflição. Foi então que um dos meninos, seu colega de escola,

com quem nem sequer brincava nos recreios, se aproximou dela e lhe perguntou onde doía. Como ela apontasse o pequeno-grande ferimento, o Miguel pegara-lhe de imediato no pé e dera-lhe um beijo ruidoso e longo como os das mães e tranquilizara-a, garantindo-lhe que a dor já tinha passado e não voltaria mais. Nunca mais.

Quando Isabel entrou no quarto da filha, às sete e meia, encontrou-a descalça, a dormir sobre a colcha, agarrada à fotografia.

— Filipa... — chamou-a. — Acorda, filha, vamos tratar do jantar?

A rapariga abriu os olhos e suspirou longamente.

— Que horas são?

— Horas de saltares da cama, que eu trouxe uns petiscos do supermercado e vamos fazer um jantarinho especial, queres?

— Não, mãe, não tenho fome. Quero ficar aqui.

Isabel retirou-lhe então, cuidadosamente, a moldura das mãos, colocou-a no lugar que ocupava na estante e insistiu:

— Tens de reagir, filha. Anda lá!

— Não me apetece, mãe, já disse. Deixa-me ficar aqui mais um bocado. Se eu tiver fome, depois, vou à cozinha comer qualquer coisa. Agora, não quero nada.

Dizendo isto, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, sem que ela soubesse exactamente de onde elas viriam naquele momento. A mãe inquietou-se:

— Então, querida?! Que é isso? — E dobrou-se sobre o corpo quente da filha para a abraçar.

— O Miguel esteve aqui — contou a rapariga, entre soluços.

Isabel franziu o sobrolho:

— Tratou-te mal?! Não acredito! Não posso credi...

— Não, mãe. Não me tratou mal. O Miguel nunca me tratou mal...

— Então...

— Não disse nada. Absolutamente nada. Foi-se embora e deixou-me aqui sozinha... Eu pensei que iríamos discutir, pensei que ele ia, sei lá... Achei que ele iria explodir, mas não. Não foi capaz de dizer nada. Nada... Acho que acabou tudo... Tudo. — E voltou a chorar desalmadamente, virando o rosto de encontro à almofada.

Isabel sentiu um peso esmagador sobre o peito. Que dizer para aliviar o sofrimento da filha?

— Só fizemos o que era justo, o que devíamos fazer, Filipa, e tu sabes isso. Acabaste por concordar que não era a melhor altura para teres um bebé, filha, foi ou não foi, hã? Ias estragar toda a tua vida e a do Miguel também! Vocês só têm dezassete aninhos, querida! Dezassete! Não faria sentido nenhum, Filipa. Tu sabes que o pai e eu temos razão. Tu acabaste por reconhecer... O Miguel não tem maturidade para compreender que a vossa vida está apenas a começar... Ele nem faz ideia do que iria ter de passar... Mas há-de cair em si e, um dia, verá que foi melhor assim. Tenho a certeza.

— Não digas mais nada, mãe, por favor. Não quero pensar; não quero sentir; não quero lembrar-me. Preciso de dormir.

Vendo que de nada serviria prolongar aquela conversa, Isabel acabou por aceder ao pedido da filha, retirando-se do quarto, em silêncio.

Eram nove horas quando Rui bateu à porta do quarto, de tabuleiro na mão:

— Posso entrar, filha?

— Podes...

— Trouxe-te aqui umas torradinhas que a mãe fez. Estão com bom aspecto...

— Deixa aí na mesa, pai, que, quando eu tiver fome, vou comer. Obrigada...

— Olha que as torradas arrefecem...

— Não faz mal, pai, a sério. Não me apetece nada, por enquanto.

— Mas tu precisas de te alimentar...

— Eu sei, pai, não te preocupes, que eu estou bem.

— Estás mesmo? — perguntou Rui, a meia-voz.

— Estou.

— Não te dói nada, pois não? Se for preciso, telefonamos ao doutor Matias, sabes que ele nos pediu que lhe ligássemos caso te sentisses mal, filha. Não faças cerimónia.

— Eu não faço, pai.

— Mas não te dói nada, pois não? — insistiu o pai, ansioso. — É natural que ainda te sintas... fraca... É possível que sintas...

— Já te disse que não me dói nada, pai. Não sinto nada. Vai descansado.

— Então, daqui a pouco, a mãe vem cá ver se precisas de alguma coisa, combinado?

— Sim, pai. Obrigada.

Mal o pai saiu do quarto, a Filipa sentou-se na cama e, mecanicamente, passou a mão pela barriga. Respirou fundo, até ao mais fundo do seu ser, espantando-se, por, de facto, nada sentir. E compreendeu, pela primeira vez, que o vazio causa a dor mais indizível de todas. Uma dor redonda e invisível como um buraco negro por onde toda a alegria e toda a esperança se esvaem.